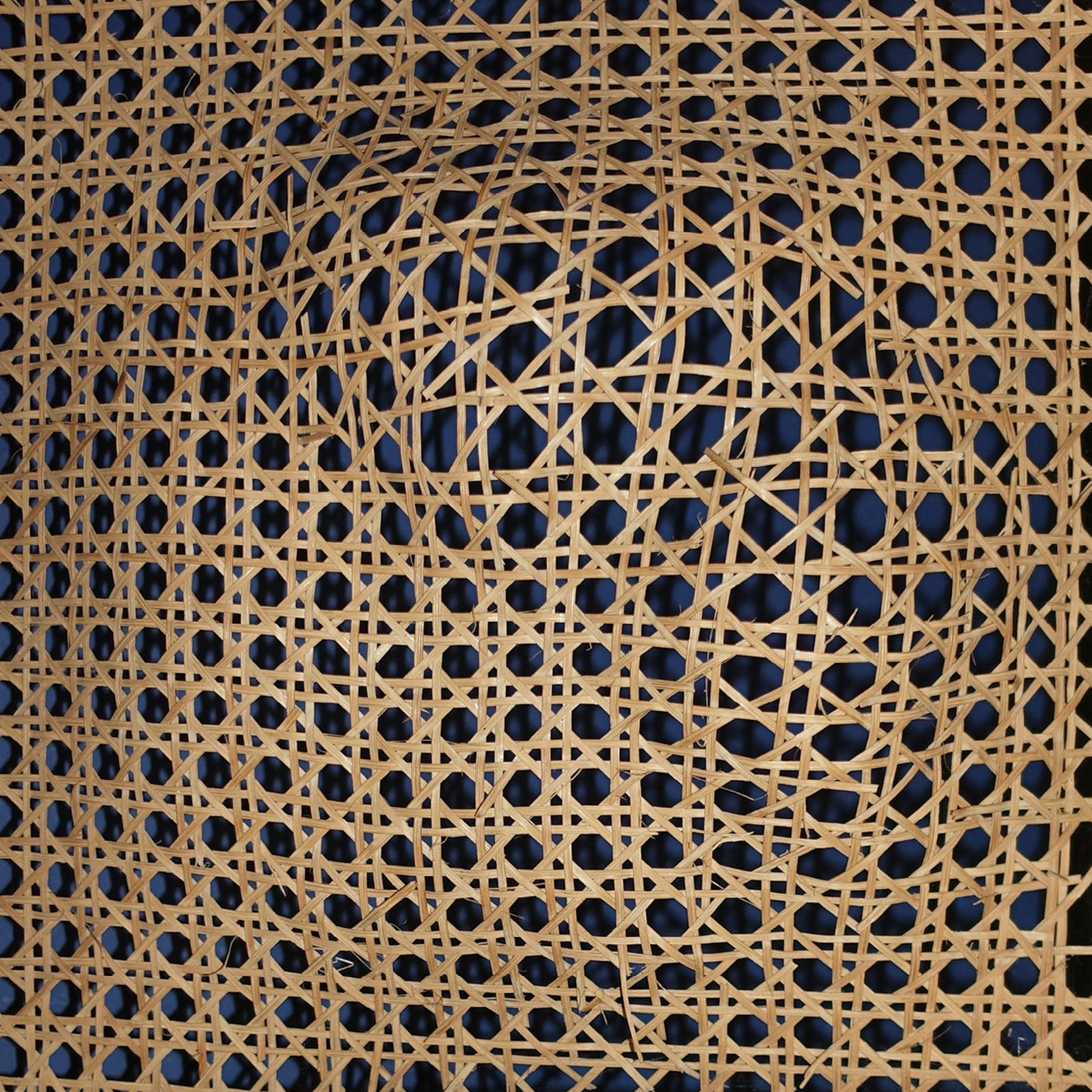

Ministério da Cidadania, Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, e Pivô apresentam:

VOLTA GRANDE

alexandre estrela

curadoria / curated by **luiza teixeira de freitas**

NO RESCALDO DA MEMÓRIA

A forma como experiênciamos o tempo é pessoal e única, impossível de ser partilhada na sua plenitude. Assim como o é a forma como construímos memória – passada, presente, futura.

Em Janeiro de 2019, Alexandre Estrela aceitou o desafio de passar um mês em Volta Grande, uma pequena cidade perdida na Zona da Mata, em Minas Gerais, terra de Humberto Mauro e do seu cinema mudo, do seu irmão José Mauro, pioneiro do radialismo musical no Brasil e da cachaça "Podemus".

No tempo que ali esteve, no cenário da minha infância, foi vivendo a utopia moderna do imenso jardim, a piscina sobredimensionada, o calor húmido, a descoberta de um novo inseto a cada dia e o grito do bem-te-vi. Se as peças e as imagens que ali criou lhe trarão memórias futuras, para mim estão ancoradas num passado que trago sempre presente.

Volta Grande reúne na base curva do edifício Copan um corpo de trabalho que é fruto das horas mortas e dos passeios concêntricos que Estrela fez em torno de uma casa. Matéria e memória são os fios condutores desta exposição que entrelaça o tempo e o corpo, o vídeo e a escultura. Há algo neste conjunto de peças que ressoa ao infinito pois a imagem existe para além da imagem no diálogo que estabelece com as superfícies de projeção. Pode fazer sentido pensar nestes trabalhos usando a referência que Yve-Alain Bois faz a uma pintura de Poussin, 'que incorporam a duração da percepção na sua estrutura estética'[1].

1. Águas de Março
Num dos dias mais quentes já registrados em Minas Gerais, foi filmado um pedaço encharcado de cedro tropical secando ao sol. Dado o tórrido calor, a câmera não aguentou e parou de filmar a poucos segundos da secagem completa. O vídeo registra a temperatura como um termômetro. A imagem da madeira é projetada sobre uma tela de aglomerado, à qual se cola como uma pele justa, que seca e se molha num ciclo eterno.

i.
Sentada no meio fio da rua, na parte de fora do portão. O dia mal amanhecera, tudo ainda meio húmido e fresco do sereno. Uma criança aprende a andar, desbravando a calçada, ali mesmo, em Volta Grande. Os paralelepípedos alinhados daquela rua que outrora era chão de terra batida. Anda alguns metros, olha para trás assanhada, torna a andar. Aprende o ritmo do passo volta-grandense, o ciclo nunca apressado a caminho do trabalho, do supermercado, dos afazeres ou de afazer nenhum. Mas o que era brisa passou rápido, o calor já se sente forte na pele com o sol que entretanto subiu, inclemente mais uma vez. As escadas da piscina são de um bronze negro, que queima sem dó, o pé do tataraneto hoje e o pé do tataravô lá em 1961. Memória térmica, partilha de gerações.
Um bem-te-vi.
O corpo suado a 40 graus.
Os formigueiros no campo de futebol.

2. Wood Cuts/Wood Rings
Uma tela de madeira é atravessada por uma outra tela semelhante, cortando-a ao meio. Um vídeo onde se vê um tronco cercado de grama é projetado na superfície cortada. A imagem desliza em direção ao plano ortogonal que, afiada, a divide em duas ao som elétrico de uma serra.

ii.
A casa está abafada ao amanhecer e a lufada de ar matutino que entra com o correr das portas de vidro é um alívio. O verde do jardim entra, entra e entranha. As árvores, sobreviventes da última tempestade têm cada uma e cada qual uma história, uma memória – a samambaia, morreu, depois ressuscitou, agora vive, é sombra certa na paisagem. O barulho é gostoso, o da água da mangueira nas centenas de plantas do jardim. Rega-se com a paciência de uma vida onde tempo não é uma questão, onde nada tem pressa. Passa a rede pela água da piscina dessa mesma forma, catando insetos sem vida nos infindos metros cúbicos daquela construção.
O cheiro da chuva, que cai torrencialmente.
O padrão do suspiro branco cobrindo a torta de banana.
O lava-pés verde-musgo.

3. Cupim
A imagem da madeira tropical devorada pelo cupim é projetada numa tela de madeira, os buracos feitos pelo inseto são coincidentes com furos feitos na madeira. A parte de trás da tela, pintada de azul, revela uma constelação.

iii.
As sombras dos topos das árvores se refletem na grande piscina azul. Nelas tantas memórias. O corredor que leva da sala aos quartos é comprido, tem um corrimão de madeira que o percorre e separa o mezanino da sala, parece ter sido feito ontem, sua madeira reluz. Sabemos de cor quantos passos atravessam a casa e nos levam ao final do corredor onde tem um espelho. E em sintonia com Pirandello, cada vez que nele nos refletimos, somos um novo, um diferente daquele que éramos da última vez que por ali passamos[2].
A terra avermelhada.
A bicicleta contra pedal com
a corrente meio quebrada.
As jabuticabas.

4. Ecos da Figura Interna
Numa tela de madeira tropical é incisa uma composição geométrica que o sustenta e equilibra. Um dos lados da tela é pintado em esmalte azul e a luz projetada sobre ele faz mudar o tom da sua cor. A cor é em si variável, a sua consistência é mental. São os ecos da figura interna – título apropriado de uma Alegria de Ser de Clarice Lispector[3].

iv.
As portas são lindas, azulão. São dos tempos modernos da casa, dos tempos do "Cobogó". De quando o telhado era branco ondulado de fibrocimento. Sei por histórias contadas que a varanda era uma fornalha, revejo-a no filme A Noiva Da Cidade de Alex Vianny e de Humberto Mauro, que teve algumas cenas filmadas ali. As portas estão no filme, assim como o seu azul, desse azul que só tem lá mesmo, gosto de lhe chamar Azul Volta Grande.
Os 'Mauros' que existem na memória,
Humberto e Zé.
O cheiro do cafezinho, o bolo de bolo.
A cozinha ampla, branca e azul.

5. Volta Grande
Uma fotografia de um tronco de "pau mulato" é projetada num cilindro, colocado em frente a um plano vertical. O tubo incorpora a imagem da árvore e a casca lisa passa a ser a que cobre a sua superfície. Uma imperceptível rotação do tubo revela uma linha horizontal que desenha o seu contorno.

v.
A roupa aqui importa tão pouco. Tapa o torso nu na hora de comer, por costume ou educação. Protege-nos dos ataques dos pernilongos ao cair da noite. Mas no convívio diário com corpos alheios, a roupa deixa de existir, e descasca-se como a pele de um "pau mulato". Cada vez mais pelados, lembramo-nos que o corpo em si produz calor!
Os discos que tocam na vitrola.
A quadra de tênis abandonada.
O cupim comendo a madeira.

6. Pau Brasa
O encadeamento de quatro fotografias de madeira brasileira criam um movimento espontâneo com ressonâncias semelhantes às do fogo. A sensação da autocombustão das imagens vídeo-projetadas é ampliada pelo som crepitante e continuo de uma brasa.

vi.
A sauna seca de madeira escura e a pedra, que fervendo emana cheiro de eucalipto. Uma leve, muito leve atmosfera alpina na fornalha tropical. O fogo consome o oxigénio e tudo pede para respirar. No meio das chamas arde também o velho piso de maracatiara, consumido pelo cupim, esse embaixador do tempo, essa praga que renova a vida. A natureza reclama sempre aquilo que dá. O chão da casa é agora novo da cor da brasa, ainda sem memória mas pronto a receber a caminhada das futuras gerações.
Romeu e Julieta
Tutu de feijão
Abelha sem Ferrão

7. A Cadeira de H.M.
No final de sua vida, Humberto Mauro, para alguns o pai do cinema brasileiro, se dedicou a empalhar cadeiras e ao estudo da língua ameríndia Tupi. Mauro acreditava que o cinema, tal como o Tupi, era uma língua que necessitava de uma estrutura para escapar à extinção. Em A Cadeira de H.M., uma imagem de um assento deformado de uma cadeira empalhada por Mauro é animada ao som da sua voz. Esta faz um apelo às gerações futuras do cinema brasileiro:
"Tenho grande estima pela mocidade brasileira e acredito muito no que ela possa fazer. Aos jovens cineastas desejo que façam verdadeiramente uma grande obra de cinema, para que o Brasil tenha um amanhã cada vez melhor."

vii.
O que no fundo é por si só um profundo relato da passagem do tempo, da memória entre gerações, do que fica igual, do que permanece. A cadeira onde me sento dias a fio na varanda de minha casa, a palha do seu tampo que regista o meu peso e o meu pesar.
A água de coco, o suco de manga,
o pão da padaria.
Os pés descalços.
As pedras do caminho.

1 BOIS, Yve-Alain, Slow (Fast) Modern' in Speed Limits, ed. Jeffrey T. Schnapp (Montreal: Canadian Centro for Architecture, 2009) 122-6
2 PIRANDELLO, Luigi. Um, Nenhum e Cem Mil. Cosac Naify, 2001
3 LISPECTOR, Clarice. A surpresa. In: A descoberta do mundo. Rio de Janeiro : Rocco, 1999

WITHIN THE AFTERMATH OF MEMORY

The way we experience time is personal and unique, impossible to share in its fullness. So too is the way we construct memory - past, present and future.

In January of 2019, Alexandre Estrela accepted an invitation to spend a month in Volta Grande, a small town lost in the Zona da Mata in the state of Minas Gerais; the hometown of Humberto Mauro and of his silent film; of his brother José Mauro, a pioneer in radio music in Brazil; and of the cachaça 'Podemus'.

During his time there – in the place which formed the backdrop of my childhood – he lived amid the modern utopia of an immense garden, an over-sized swimming pool, the humid heat, the discovery of a new insect every day and the birdcall of the 'bem-te-vi'. If the works and images he produced there will in the future bring him memories, for me, they are anchored in a past that remains a perpetual part of my present.

In the curved base of the Copan building, the exhibition Volta Grande gathers a body of work that is the result of the dead hours and concentric walks that Estrela traced around the house during this period, with matter and memory as the guiding threads that intertwine time and body, video and sculpture. There is something in these works that resonates with infinity, with the image persisting beyond itself in the dialog established with the projection surfaces. It might make sense to think about these works in terms of what Yve-Alain Bois said about a painting by Poussin, 'that they incorporate the duration of perception into their aesthetic structure'[1].

1. Águas de Março
On one of the hottest days ever recorded in Minas Gerais, a soaked piece of tropical cedar was filmed drying in the sun. The camera could not withstand the torrid heat and stopped filming within seconds of the wood finally drying. The video records the temperature like a thermometer. The image of the wood is projected onto a woodchip board, to which it bonds like a skin, alternately drying and growing moist in an eternal cycle.

i.
Sitting on the curb of the street, just outside the gate. The day barely dawned, with everything still half wet and cool from the morning dew. A child learning to walk, stumbling across the sidewalk, right there, in Volta Grande. The aligned cobble stones of the street that were once a dirt road. The child advances a few yards, looks back mischievously, and continues on its way. Learning to walk at the pace of Volta Grande, the unhurried cycle on the way to work, to the supermarket, during daily errands or when doing nothing at all. Whatever breeze was there is gone, the inclement sun has risen and one can feel its heat on the skin. The swimming pool steps are made of black bronze, which mercilessly burns the great-grandson's feet today as it did the great-grandfather's back in 1961. A thermal memory, shared between generations.
Bem-te-vi.
A sweat-drenched body at 40 degrees.
The anthills in the football field.

2. Wood Cuts / Wood Rings
A wooden screen is intersected by another that is similar, cutting it in half. A video where one can see a tree log surrounded by grass is projected onto the cut surface. The image slides towards the orthogonal plane, sharply cutting it in two to the sound of an electric saw.

ii.
The house is already stuffy at dawn and the morning air coming in through the glass doors is a relief. The garden green enters and settles. Each of the trees that survived the last storm has a story, a memory - the dead fern, resurrected, lives again, providing a certain shade in the landscape. The pleasant sound of the water from the hose watering the hundreds of plants in the garden. It runs with the patience of a place where time is not an issue, where nothing is in a hurry. In the same way, the net cleans the lifeless insects floating in the infinite cubic meters of the swimming pool.
The smell of rain falling torrentially.
The pattern of the white meringue
on the banana pie.
The moss-green 'washing feet area' surrounding the pool.

3. Cupim
The image of the tropical wood devoured by the termites is projected onto a wooden screen, the holes made by the insect coinciding with the holes made in the wood. The back of the screen, painted blue, reveals a constellation.

iii.
The shadows at the tops of the trees are reflected in the large blue swimming pool. Within them so many memories. The corridor leading from the living room to the bedrooms is long, with a wooden railing running through it, separating the mezzanine from the main room. It seems to have been made yesterday, its wood glistens. We know by heart the number of steps it takes to cross the house to the end of the hall with the mirror. And in tune with Pirandello, every time we see our reflection in the mirror we are a new person, different to who we were the last time we passed by[2].
The reddish earth.
The back-pedal brake bicycle
with its half-broken chain.
The jabuticabas.

4. Ecos da Figura Interna
A geometric composition is cut into a tropical wood screen that sustains and balances it. One side of the screen is painted in blue enamel and the light projected on it changes the tone of its color. Color itself is variable, its uniformity psychological. Colors are the echoes of the internal figure – a title borrowed from Clarice Lispector's Alegria de Ser (Joy of Being)[3].

iv.
The doors are a beautiful, vivid blue. They date from the house's modern period, from the times of the Cobogó, when the roof was in wavy asbestos-cement. II know from stories told that the porch was a furnace and can see this in some scenes from the movie A Noiva da Cidade by Alex Vianny and Humberto Mauro, shot there. The doors are in the film and so their blue is too, the type of blue that only exists here and which I like to call Azul Volta Grande.
The 'Mauros' that exist in memory,
Humberto and Zé.
The smell of coffee, the cake of cake.
The kitchen, large, white and blue.

5. Volta Grande
A photograph of a trunk of a *pau mulato* tree is projected onto a cylinder placed in front of a vertical plane. The tube incorporates the image of the tree and the smooth bark becomes one with its surface. An imperceptible rotation of the tube reveals a horizontal line that draws its outline.

v.
Clothes here matter so little. They cover the naked torso at meal times, by habit or good-manners. They protect us from the attacking mosquitoes at nightfall. But in our daily living with each other's bodies, clothing ceases to exist and peels off like the skin of a *pau mulato*. Increasingly naked, we are reminded the body itself produces heat!
The vinyl playing on the record player.
An abandoned tennis court.
The termite eating the wood.

6. Pau Brasa
The interlinking of four photographs of Brazilian wood creates a spontaneous movement with similar resonances to those of fire. The sense of self-combustion in the video-projected images is magnified by the continuous crackling of burning coal.

vi.
The dry dark wood sauna and the stone, which give off a smell of eucalyptus when heated. A delicate alpine atmosphere in the tropical furnace. As fire consumes the oxygen everything seeks breath. In the midst of the flames, the old *maracatiara* floor also burns, consumed by the termite, ambassador of time, a plague that renews life. Nature always claims back what it has given. The floor of the house is now new, flame colored, still with no memory but ready to receive the footprints of future generations.
Romeu e Julieta
Bean Tutu
Stingless bees

7. A Cadeira de H.M
At the end of his life, Humberto Mauro, for some the father of Brazilian cinema, dedicated himself to chair caning and studying the Amerindian language, Tupi. Mauro believed that cinema, just like Tupi, was a language that needed a structure in order to avoid extinction. In A Cadeira de H.M., an image of the deformed seat of a chair caned by Mauro is animated with the sound of his voice. Appealing to future generations of Brazilian cinema:
"I have great esteem for the youth of Brazil and have great belief in their abilities. My hope is for young filmmakers to produce truly great works of cinema so that Brazil has an ever better tomorrow."

vii.
What deep down is in itself a profound account of the passage of time, of memory between generations, of what stays the same, of what remains. The chair in which I sit for days on end on the porch of my house, the straw on its seat that holds my weight and my sorrows.
The coconut water, the mango juice, the bread from the *Padaria*.
Bare feet.
The stones along the road.

Luiza Teixeira de Freitas

Agradecimentos do artista e da curadora / Artist and curator's thanks
Ana Baliza, Ana Yokoshi, Benedita Silva, Borja Caro Montes, Equipe do PIVÔ, Frances Reynolds, Galeria Zé dos Bois, Gonçalo Guerra, Gonçalo Jesus, Henrique Frade, Inés López-Quesada, Luiz Augusto Teixeira de Freitas, Marco Bene, Nilsonei de Oliveira, O espírito de Humberto Mauro, Pedro Barbosa, Pedro Diniz Reis, Ronaldo dos Santos, Silvia Ortiz, Sinval Rocha, Susana Stoyanova, Travesía Cuatro

Pivô, artista e curadora agradecem pelo apoio à produção da exposição /
Pivô, artist and curator's thanks for the generous support for the production of the show
Pedro Barbosa, Natxo Checa, Bianca Comparato, Marcelo Martins, Maria Klabin e Walter Salles, Mariana e Beny Podlubny, Frances Reynolds, Frederico Santa-Barbara, Susana e Ricardo Steinbruch, Georgiana Rothier e Bernardo Faria, Gonzalo Lebrija, Gerard Faggionato, André Freitas, Mercedes Villardell, Andrea Acker e Raul De Lamare, Cleia Almeida, Travesía Cuatro

O Pivô agradece à Travesía Cuatro, Pedro Barbosa, e aos seus mantenedores /
Pivô thanks Travesía Cuatro, Pedro Barbosa and its maintainers
Alexandra Mollof, Almeida e Dale Galeria de Arte, Ana e Marco Abrahão, Bergamin & Gomide, Carbono Galeria, Casa Triângulo, Coleção Coletiva, Eduardo Pavia, Fabiana Brenner, Fabio Luchetti, Fortes D'Aloia & Gabriel, Galeria Leme / AD, Galeria Luisa Strina, Galeria Nara Roesler, Georgiana Rothier e Bernardo Faria, Graham Steele e Ulysses de Santi, José Leopoldo Figueiredo, Laurie Ziegler, Marcelo Tilkian Maia, Mendes Wood DM, Vera e Luiz Parreiras, Vivien Hertogh + anônimos

Equipe Pivô / Pivô Team
Fernanda Brenner - Diretora Artística / Artistic Director
Ligia Andrade - Coordenadora executiva / Executive coordinator
Raquel Sena - Assistente de Produção / Production Assistant
Leandro Muniz - Assistente de Curadoria/ Curatorial Assistant
Matias Oliveira e Iago Dias Timóteo - Montagem e Zeladoria / Art Handler and Space Manager
Luana Lima - Auxiliar Administrativo / Administrative Assistant
Jéssica Gonçalves - Recepção e Atendimento / Front Desk and Visitor Services

Colaboradores / Collaborators
Paula Signorelli – Direção de Desenvolvimento / Development Director
Sandra Oksman – Produção Executiva / Executive Producer
Camila Bechelany - Curadoria / Curator
Guilherme Gafi- Cenotécnico Volta Grande / Craftman
Marco Bene - Assistente do artista / artist's assistent

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
PROAC PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL SÃO PAULO
patrocínio / sponsor
VERDE asset management
co-patrocínio / co-sponsor
BMA ADVOGADOS
INSTITUTO INCLUSARTIZ
apoio / supporter
CREDIT SUISSE
incentivador / incentive
Bloomberg Philanthropies
apoio cultural / cultural support
SOMAR
INDEX
SUB Filmes
realização / realization
SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO Secretaria de Cultura e Economia Criativa
MINISTÉRIO DA CIDADANIA
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL